

**CONJUNTURA**

# Falta de controle fiscal terá custos

Economista alerta para o descaso do governo com as contas públicas, e afirma que quem quer que esteja no Planalto em 2015 terá de promover um forte ajuste nos gastos

» DECO BANCILLON

**A**o ser questionada sobre o porquê de medidas de austeridade fiscal, como cortes de gastos e a extinção de benefícios sociais, a então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher cunhou aquela que talvez tenha sido sua mais emblemática declaração: "eu entrei no governo com um objetivo: transformar o país de uma sociedade dependente em uma sociedade autoconfiante, de uma nação 'dê-para-mim' em uma nação 'faça-você-mesmo'".

Thatcher, que morreu aos 87 anos, em abril, comandou com pulso firme o Reino Unido entre 1979 e 1990. Ainda hoje, é citada como exemplo de líder para políticos e economistas de pensamento ortodoxo. A lista inclui a brasileira Monica Baumgardem de Bolle, doutora em economia pela London School of Economics and Political Science (LSE). Atualmente, ela dirige o Instituto de Estudos Econômicos Casa das Garças, reduto de liberais como Edmar Bacha, um dos pais do Plano Real.

Para Monica, a falta de rigor com as contas públicas e o excesso de intervencionismo do governo Dilma Rousseff em setores-chave da economia, como o de energia, estão fazendo o Brasil trilhar um caminho muito parecido com o da Argentina, coincidentemente a nação que enfrentou Thatcher em uma guerra. A seguir, a entrevista que Monica concedeu ao Correio.

**Gasolina e Argentina**

Durante muito tempo, a Argentina foi forte em petróleo e gás. Apesar de tantos congelamentos de preços, o setor de energia argentino acabou se esfacelando. Guardadas as proporções, o Brasil tem ido pelo mesmo caminho. O artifício de segurar o reajuste dos combustíveis por tanto tempo foi o que gerou essa situação de hoje, em que a Petrobras está importando petróleo.

**Dólar**

Eu acho que a moeda brasileira já se desvalorizou com mais intensidade e rapidez do que os fundamentos justificam. O real está perto de um valor justo para o câmbio. Isso é um alento, porque ajuda a melhorar a competitividade da indústria. Mas quando a gente fala em indústria, a gente precisa entender que nós estamos falando de algo completamente heterogêneo: setores que têm mais capacidade de se beneficiar de um câmbio desvalorizado e outros menos.

**Mão de obra**

A mão de obra é cara, mal preparada e, por conta das leis trabalhistas brasileiras, é muito difícil fazer ajustes. Esse é um problema bem grande, e é um problema insolúvel principalmente em campanha eleitoral. Alguns setores vão demitir. Outros, que não têm capacidade para demitir, porque custa caro, vão manter a mão de obra. Mas, em algum momento, eles vão repassar essa alta dos custos para os preços.

**Desemprego**

Hoje, o crescimento da PEA (População Economicamente Ativa) é menos da metade de 10 anos atrás. Isso significa que, no fim das contas, esse denominador do desemprego não tem como

Leo Pinheiro/Valor - 14/12/11



**Até recentemente, a renda do trabalhador ainda estava subindo muito. Ele via a inflação, mas ao mesmo tempo via o salário subir. Agora, a situação não é mais essa.**

**As pessoas estão achando que o crescimento no ano que vem não vai ser bom. Mas existe também uma boa dose de pessimismo em relação a 2013. O segundo semestre não está com uma cara boa.**

aumentar muito. Há, hoje, um estrangulamento de mão de obra. De um lado, você tem as empresas vendendo a necessidade de demitir, mas, por outro lado, você tem pouca oferta de trabalho, então as companhias não podem prescindir dos trabalhadores que possuem. É por isso que não sustenta a tese de que a taxa de desemprego possa subir acima de dois dígitos. Ela pode chegar a 7,5%, já no começo de 2015.

**PIB de 2013**

As pessoas estão achando que o crescimento no ano que vem não vai ser bom. Mas existe também uma boa dose de pessimismo em relação a 2013. O segundo semestre não está com uma cara boa. No segundo trimestre, a taxa de expansão do PIB (Produto Interno Bruto) deve vir ao redor de 1%, o que dá um ritmo anualizado de 4%. Significa que, na primeira metade do ano, o Brasil cresceu num ritmo de 3,5%, o que é bom. O problema é o que vai acontecer no resto do ano. Hoje, tem gente trabalhando com a hipótese de retração no PIB do terceiro trimestre. A gente acredita que vai ficar em zero. No

acumulado de 2013, o PIB vai crescer entre 2% e 2,5%.

**Cobrança das ruas**

O rebulico que se deu durante a Copa das Confederações, em junho, ocorreu em um momento em que só a inflação estava um pouco alta, mas o resto da economia ia muito bem. Para o ano que vem, se ainda houver um grau de insatisfação grande na população, e se isso coincidir com indicadores econômicos ruins, certamente o quadro político será influenciado.

**Ajuste em 2015**

Passada a euforia das eleições, em 2015, o governo, seja ele qual for, terá de fazer um forte ajuste fiscal. Hoje, as contas públicas estão em uma trajetória de deterioração, e não há nada no horizonte que indique uma mudança.

Até os defensores mais arraigados da presidente Dilma, como o ex-ministro (Antônio) Delfim Netto, sabem que algum ajuste tem que ser feito. Esse governo, se for reeleito, vai ter que enfrentar uma verdadeira crise de existencialismo. Vai ter que pôr em prática,

**Investimentos**

Nós temos que aumentar a taxa de investimento. O México, por exemplo, tem uma taxa de investimento de 25% do PIB, e a nossa é de 18%, o que é um acinte para um país como o nosso. Mas, para melhorar isso, o governo precisa fazer um esforço hercúleo para resgatar o ambiente de investimentos. Hoje, o Brasil está pessimamente colocado nestes rankings de negócios, basicamente por conta de burocracias, falta de infraestrutura etc. No fim das contas, para aumentar a taxa de investimento na economia, o governo terá de resgatar a confiança do setor privado, porque é ele quem tem que crescer mais no país, e não o setor público.

**Comércio exterior**

Se a gente quiser melhorar a nossa participação nessa área, a gente vai ter que acabar com o viés protecionista que o governo Dilma resgatou. O México percebeu que não pode ficar sempre dependentes dos Estados Unidos, e tem costurado outros acordos comerciais.